

# Desemprego no país não é estrutural

SONIA JOIA

O desemprego é uma consequência inevitável das inovações tecnológicas. Certo? Errado. Além de ser apenas um dos lados da moeda, essa é uma visão perigosa pois leva à acomodação. Afinal, se a razão para o desemprego está na modernização, nada pode ser feito. Os economistas Edward Amadeo, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ) e João Saboya, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) dizem que o problema no Brasil é bem diverso do que ocorre nos países desenvolvidos e está intimamente ligado às políticas utilizadas no combate à inflação.

Os planos de estabilização realizados na Argentina e no México são dois outros exemplos dos efeitos sobre o emprego da utilização da âncora cambial (dólar barato) associada à abertura da economia como forma de controlar a inflação. No ano passado, 16,2% da população economicamente ativa argentina estavam procurando emprego. No México, a taxa foi de 6,4%. Comparativamente, o Brasil, com uma taxa média de desemprego de 4,6% segundo o IBGE, foi até privilegiado.

Mas a situação vem piorando dia a dia. A taxa de desemprego de fevereiro — 5,7% da população economicamente ativa — foi a pior

do Plano Real. Pelos números do Dieese, sempre maiores por englobarem aqueles que já desistiram de procurar trabalho, a taxa de março também foi a pior dos últimos tempos: 15% em São Paulo. Para Amadeo, os números não assustam tanto se olhados como um “retrato”, mas principalmente quando se assiste ao “filme” que vem passando nos últimos dez meses. “A taxa está crescendo a uma velocidade muito rápida, por isto o filme preocupa”, avaliou.

“A modernização é apenas um lado da história. O outro lado é que o governo privilegia a estabilização e não deixa o país crescer. Temos uma demanda reprimida enorme, a maior parte da população consome menos que o necessário e o governo faz uma ginástica enorme para segurar o crescimento”, criticou João Saboya.

Os juros astronômicos utilizados para conter as importações e evitar rombos na balança comercial (já que as exportações perdem espaço com o real valorizado) não só impedem o crescimento como também estão levando empresas à bancarrota. As que têm capital próprio precisam reduzir custos para competir com as importações e entre as duas opções possíveis — reduzir pessoal ou margem de lucro — a corda sempre arrebenta do lado mais fraco.

Segundo dados do Ministério do Trabalho, houve em 1995 uma perda de 412 mil empregos no setor formal em todo o país, sendo que 276 mil na indústria. Isso representa 67% do total. Cerca de 70% dos desempregados estavam localizados em São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. “O problema se

concentra no setor que gera melhores empregos e onde os trabalhadores são mais organizados”, ressalta Amadeo.

A queda do emprego na indústria está associada à política de estabilização. Ao importar produtos acabados e também insumos, o país produz menos e, por isso, emprega menos. Segundo Amadeo, as exportações de manufaturados superavam as importações em US\$ 14 bilhões em 1994. No ano passado, o saldo foi zero. Como a demanda interna permaneceu estável, isso significa que as indústrias produziram US\$ 14 bilhões a menos — uma queda de 12% no Produto Interno Bruto (PIB) industrial.

“Não tenho medo de ser considerado ultrapassado. Acho que não faz sentido transformar o país em um grande supermercado, como aconteceu com o México”, afirmou Amadeo, criticando o aumento das importações de insumos e componentes que transformam as indústrias em simples montadoras. O economista defende a adoção de uma política industrial voltada para a pequena e média empresa. “Os créditos oficiais deveriam estar associados a toda a cadeia produtiva. Isso estimularia as empresas a comprar insumos aqui”, sugeriu.

Saboya também defende uma política industrial, com incentivos aos setores de maior geração de empregos. Além disso, avalia que o governo poderia ser mais seletivo com as importações: “Até mesmo os Estados Unidos impõem cotas para alguns produtos como os automóveis japoneses. Não é preciso voltar atrás na abertura, mas a questão não é oito ou oitenta”.